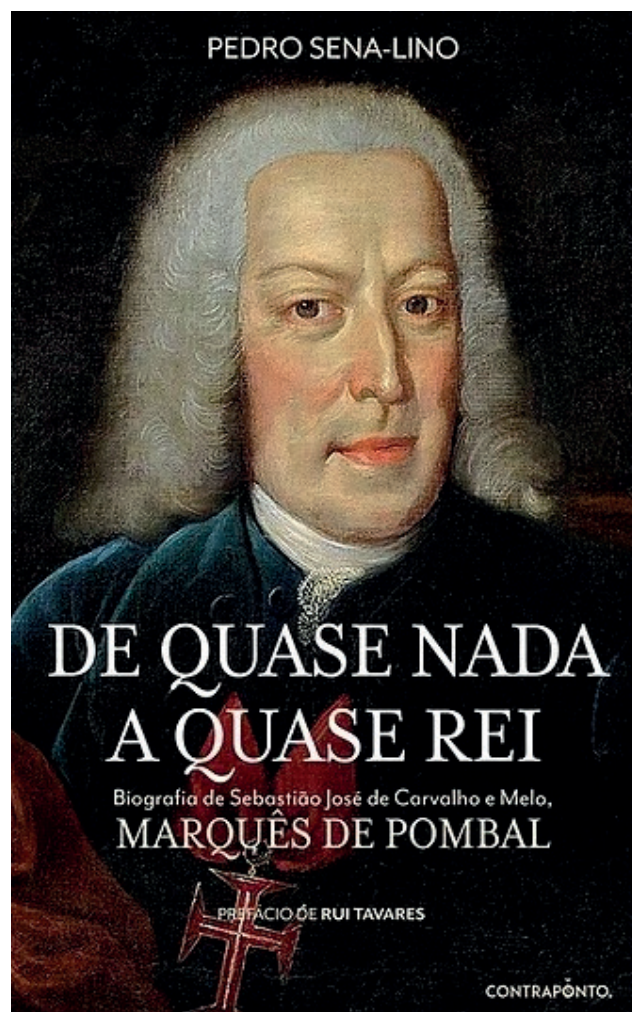


**Sena-Lino, P. (2020). *De quase nada a quase rei — Biografia de Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal*.**

**Contraponto. Lisboa: 624 pp.**

JOSÉ EDUARDO FRANCO<sup>1</sup>

RICARDO VENTURA<sup>2</sup>



A figura de Pombal tem-se prestado a múltiplas abordagens, devido à complexidade da sua vida e da sua obra. Muitos buscaram e continuam a buscar uma interpretação convincente deste político, que é, ainda hoje, um dos calcanhares de Aquiles da nossa historiografia. Recentemente, assistimos a uma publicação que enriquece o repertório imenso da literatura de receção pombalina.

Sob a chancela editorial da Contraponto, foi publicado, em 2020, um novo livro sobre a trajetória do Marquês de Pombal com a autoclassificação de «biografia», ao qual a comunicação social deu amplo eco, tornando-se, provavelmente, a obra biográfica sobre o secretário de Estado de D. José I mais mediática de sempre no panorama português. Os

<sup>1</sup> CLEPUL, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa; Cátedra CIPSH de Estudos Globais, Universidade Aberta. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5315-1182>.

<sup>2</sup> CLEPUL, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-9564-9659>.

*media* apresentaram-na como trazendo revelações inéditas ou, mais justamente, diríamos nós, pouco conhecidas dos não especialistas. É uma obra volumosa de 623 páginas, que tem na base uma importante pesquisa documental em arquivos portugueses e estrangeiros, com destaque para fundos arquivísticos ingleses e austríacos. Elaborado por um reconhecido poeta e ficcionista, Pedro Sena-Lino, doutorado em Estudos de Cultura e Literatura Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e professor na Universidade de Gante, este livro, em termos de estilo e ideário analítico, inscreve-se numa genealogia de obras biografizantes dedicadas ao Marquês de Pombal que se situam na fronteira entre a historiografia, que procura a verdade dos factos assente nas fontes documentais, e a criação literária, para colmatar os espaços lacunares que a documentação fragmentária chegada até nós deixou em aberto. Assim sendo, *De quase nada a quase rei* labora entre fronteiras de géneros, deixando transparecer uma profunda reflexão não só sobre a instância da sua escrita, mas também sobre as características discursivas dos diversos géneros literários e documentais manobrados. Nessa medida, o autor, não sendo historiador, concilia várias «artes» para oferecer aos leitores de hoje uma aproximação credível à vida laboriosa daquele que pode ser considerado o primeiro «primeiro-ministro» da história política portuguesa no contexto da monarquia absolutista.

Como o autor confessa na «Nota prévia», esta «história pessoal» de Sebastião José foca-se no tempo da sua vida que antecede a concessão do título de conde de Oeiras (1759), para melhor compreender o processo que conduziu à sua ascensão ao poder, tratando de forma mais breve o período de 1760 a 1777. Com evidente talento literário, Sena-Lino reconta esta história de forma sedutora, fazendo-nos viajar até ao século XVIII e visualizar, pelas janelas bem ornamentadas da sua escrita elegante e incisiva, quadros vivos de paisagens sociais, políticas e familiares, mas também de paisagens íntimas, que caracteriza sagazmente. Mas o autor pretende que o esforço literário que ensaia nesta obra tenha sustentação empírica, que procura *pari passu* extrair da multitude de documentos da época que compulsou, fazendo, em certa medida, os documentos falar ao serviço de um argumento histórico-literário. Neste difícil exercício, convoca igualmente contributos da historiografia, mais ou menos atualizados, e perceções de diferentes biografias anteriores, como as de João Lúcio de Azevedo, Joaquim Veríssimo Serrão e Kenneth Maxwell.

Os capítulos «As brumas de Londres (1738-1745)» e «A voz emparedada (1745-1749)» talvez sejam aqueles em que o método de biografar e a estratégia discursiva de Sena-Lino surtem melhores efeitos, concertando momentos de prosa literária vigorosa com a investigação documental e historiográfica. Destaque-se, neste quadro, o notável trabalho

de caracterização histórica e psicológica de figuras como Robert Walpole, Maria Theresia, João Baptista Carbone, o conde de Tarouca, entre outras, não só a partir de fontes secundárias, mas também através de um esforço de leitura atenta de fontes primárias, sobretudo epistolográficas. Com efeito, o método biográfico seguido, que inclui o escrutínio de personagens geralmente remetidas para segundo plano ou pensadas estritamente a partir da sua interação com Sebastião José, parece permitir ao autor estabelecer relações menos óbvias ou sublinhar ideias que poderiam facilmente escapar à análise historiográfica.

Como o próprio autor anunciara, à medida que avançamos no tempo de vida de Sebastião José, o detalhe esbate-se e diversas questões geralmente vistas como centrais por outros biógrafos e/ou historiadores do período pombalino ficam por aprofundar: por exemplo, o papel central que a colonização do Brasil desempenhou nos planos de Pombal, a relação com D. José I, a comunicação com os seus irmãos e com os seus filhos, entre outras. Estas lacunas são perfeitamente desculpáveis, na medida em que o autor as confessa e anuncia, propondo uma abordagem que transmita o quadro mental e espiritual que presidiu à ação de Pombal, mais do que uma narração exaustiva dos acontecimentos da sua vida. No entanto, Sena-Lino toma ainda tempo para refletir sobre questões históricas pendentes ou até agora pouco estudadas, como, por exemplo, os meandros da produção e publi-

cação de literatura propagandística promovida por Pombal e o processo de elaboração das *17 cartas escritas sobre o estado passado e o presente de Portugal*. Enriquece, ainda, as páginas dedicadas ao terremoto de 1755 com a publicação de um documento inédito, atribuível a Pombal, em que se descreve o acontecimento. Pensamos que o livro poderia sair ainda mais valorizado com uma mais exaustiva e rigorosa anotação das citações incluídas no corpo do texto.

Como é sabido, o Marquês de Pombal, devido à sua vida pluridiversa e à sua ação política marcante com contornos fortemente polémicos, inspirou a escrita, desde o século XVIII, de diversas biografias, umas de pendor estritamente historiográfico, outras de carácter literário e algumas dramáticas. Muitas destas aproximações à figura de Pombal situavam-se ora numa corrente filopombalista de exaltação, ora na corrente antipombalista de execração. Ainda é difícil realizar uma avaliação de Sebastião José totalmente isenta, tão marcada que está pelas entorses das leituras ideologicamente orientadas.

Esta nova obra de Sena-Lino não é só mais uma das muitas que nos últimos três séculos têm vindo a lume para ajudar a responder à pergunta feita um dia pelo historiador Marc Bloch «Pombalistas, antipombalistas, dissei-nos tão somente quem foi Pombal?». Um pouco na linha da biografia-romance de Agustina Bessa-Luís, *Sebastião José*, Sena-Lino

desenvolve um exercício interpretativo de psico-história, tentando ler com poder de «visão noturna», através do que nos dão a saber os fios intermitentes da massa documental consultada, mas nem sempre conclusiva, os estados de alma do Marquês de Pombal desde as suas raízes familiares até à sua morte. Por isso, até certo ponto, poder-se-á ver este livro como uma biografia psicológica de Carvalho e Melo, que explica «freudianamente» os 27 anos em que segurou com vigor as rédeas do governo de Portugal e do seu império. A forma como exerceu ferreamente o poder que mudou o rumo da história do país, com implacáveis excessos e alguns requintes de crueldade, é interpretada à luz dos recalca-mentos dos desaires experimentados na juventude e dos decorrentes ressentimentos. A seguinte passagem, retirada do capítulo que descreve a sua ascensão surpreendente à equipa governativa de D. José I, em 1750, é expressão eloquente desta interpretação: «Moviam-se-lhe no sangue memórias de “vexações” antiquíssimas, viajando dos seus antepassados: hoje, ali, o *fidalgote* vingava-os» (p. 280).

*De quase nada a quase rei* apresenta-se assim como uma abordagem histórico-literária à figura de Pombal centrada em perfis humanos e relações pessoais, que tem a virtude de poder complementar, sob vários aspetos, algumas perspectivas historiográficas, como aquelas

que têm privilegiado, com bons resultados, a análise das tensões ideológicas do tempo de Pombal (como é o caso de *Marquês de Pombal, paradoxo do iluminismo*, de Kenneth Maxwell) ou que se centram no estudo das correntes políticas que se digladiaram no reino ao longo do século XVIII, com particular incidência na corte de D. João V. Ficará, portanto, na história da literatura de receção pombalina não tanto como uma obra de rigor historiográfico, pois as muitas fontes que cita estão mais ao serviço de um exímio ensaio de escrita literária usando de liberdades especulativas, mas como uma proposta de interpretação literariamente construída, que pode, no entanto, contribuir para o esforço de problematização geral do que se sabe ou não se sabe — e talvez nunca se venha a saber — sobre Pombal.

O autor está de parabéns pelo enorme trabalho realizado, ensaiando um exercício interdisciplinar difícilimo de aliar método historiográfico e arte literária, conjugando, com intenção declarada, o uso abundante de fontes primárias e a imaginação literária, para renovar, junto de um público amplo, o interesse pelo conhecimento de uma figura maior da História de Portugal, sobre a qual ainda paira uma grande nebulosa hermenêutica. O autor conseguiu cumprir eximamente o seu objetivo, deixando para a história uma biografia literária de referência.